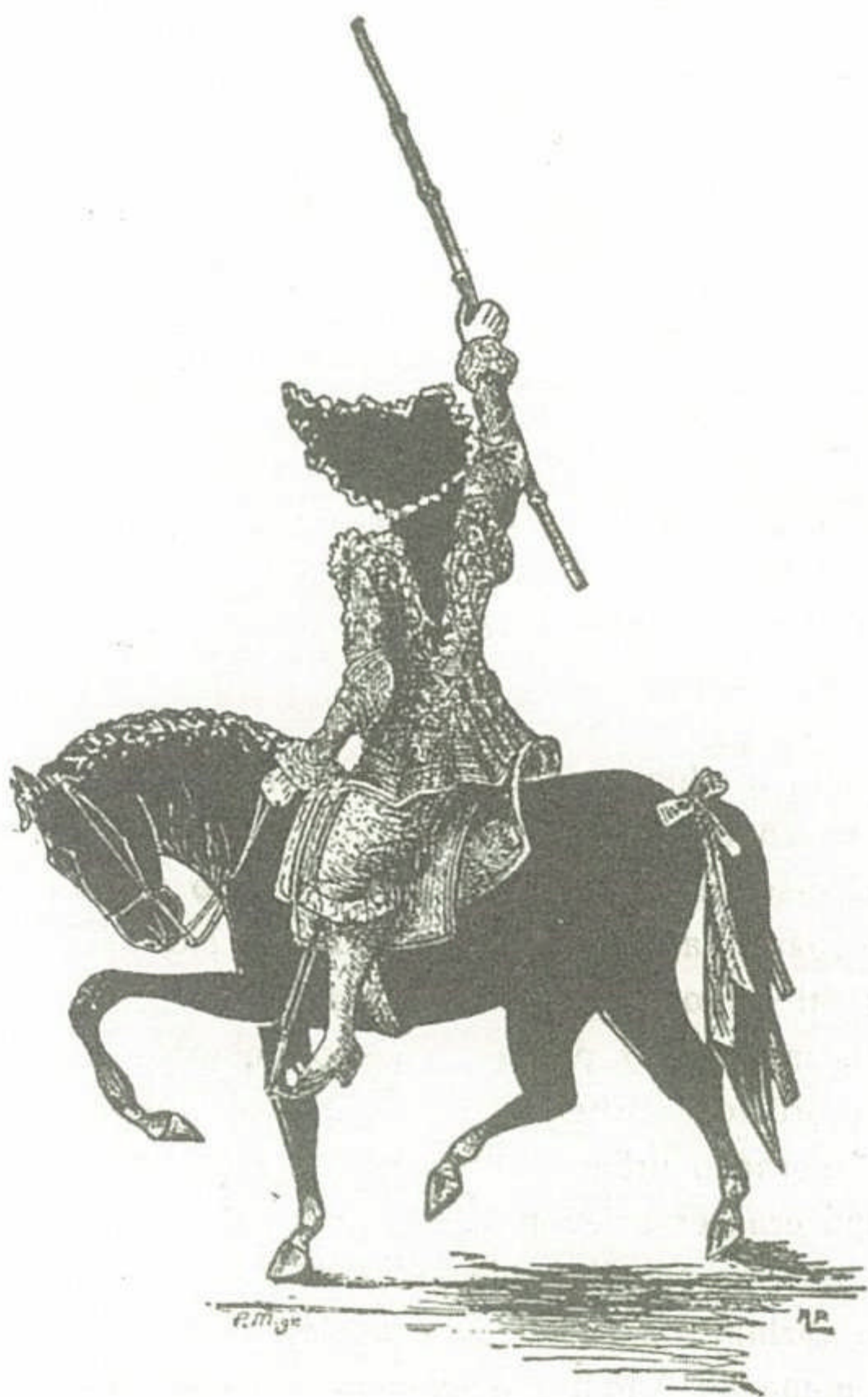


O PREGÃO DE S. NICOLAU



Bando Escolástico recitado pelo Aluno

José Manuel de Freitas Costa

O AUTOR

Ouvi, ó gentes, a aula Nicolina
Que uma vez por ano vos dá mestre lição
Útil para a sábia alma e pra cretina
Boa para o jovem e para o ancião.
O Estudante é hoje quem ensina
O Povo é o aluno (oh, que inversão!).
Faça-se um silêncio de festa eleusina
Cessem os risinhos, a galhofa, a gozação.

Silêncio! Não tolero sequer a assoadela
O espirro, o catarro, a própria respiração!
Quem não quer ouvir que dê à manivela
E se ponha a andar para outra região!
Continua o borborinho? Mesmo assim prosseguirei.
O Pregão é meio sério, outro meio é anedota
O verso é meio manco, outro meio é o da lei
Tem o som da epopeia, mas o tom é de chacota.

Assim é o Pregão que aqui ouvireis:
Mistura o sábio louro com a palha da risota
Porque se castigam a rir, como sabeis,
Os costumes, a burrice, a vaidade e a batota.

Quanto a inspiração, oh que crise, Nicolau!
Acode-me, ó Santo! Tu e mais Minerva
Não fiquéis impávidos com caras de pau
E concedei-me o fogo que as Musas exacerba!

Respira à minha volta um Povo esforçado
Velho como a terra, jovem como o povo.
Divide-se na indústria, no comércio, no arado
Afeiçoando a História à invenção do Novo.
Para ti canto, ó Povo de Guimarães!,
Teus mitos, tuas pedras, teu suor laborioso,
De Lordelo a Briteiros, de Oleiros a Atães
Teu coração urbano altivo mas generoso!
E quisera ser orfeu para cantar a Academia
As bizarras Nicolinas de vetustas tradições
E o carinho da Cidade que a elas se alia
Seguindo de Aninhas o exemplo e as acções.



Começo (é tempo!) a crítica diagnóstica.
São tantas as maleitas, o sarilho, o sarampo
Que a análise urbana vai sair pernóstica
E melhor faria ir pregar pro campo.
Andam os maiores da terra em brava luta
Contra os cismáticos irmãos de Vizela.
Azeda-se a sopa, acende-se a disputa
O diálogo é de surdos à volta duma gamela.

A gamela é um concelho, diminuto, nascituro
Mas o caldo que é servido traz venenos tais
Que o cheirete que exala é do mais impuro
Cheio de oportunismos e tentações venais.
Falemos mais claro: os irmãos das Caldas
Querem ser concelho. E querer é um direito!
Só que o direito é bem torto se as baldas
São escandalosas - como o foram e sem jeito!

E mete-se um ministro Eduardo por um lado
Pereira de apelido sem peras nem rama
E põe-se a falar em vez de estar calado
E toma o partido de se enterrar na lama.
Negoceia aquilo que é inegociável
Decide à revelia da gente de Guimarães
E da própria de Vizela a quem quis ser amável.
Que política é esta? Serve a que capitães?

A Lei Quadro parece ser quadrada
Ou mesmo ortorrômbica, vamos lá a ver.
De Vizela à medida é confeccionada
E gera concelhos que nem querem nascer!...
Agora vão surgir concelhos em catadupa
Em divisão selvagem de células doentes
Uns tão pequeninos que nem mesmo de lupa
Se verão no mapa com as mais fortes lentes

O Poder Local será assim mais débil
A regionalização será só aparente
A voz da edilidade será um som flébil
A Lisboa incapaz de arreganhar o dente.
Sejamos sensatos: a Vizela uma medalha
Proponho se dê por escangalhar a linha
E um brinde proponho à saúde da maralha
Que parece não andar lá muito bem da pinha.

E já que estamos em maré de absurdos
Proponho se eleve Guimarães a Capital
Pois sejamos nós cegos, mudos, surdos
Só assim se ergue a alma nacional!
Lisboa é a terceira cidade de Portugal
(A primeira e a segunda não existem por enquanto).
Assim é de justiça e não parece mal
Que a TV mude pra cá e s'instale aí num canto.
As tele-notícias serão depois assim:
"Reuniu no Castelo o Conselho de Ministros
Para tratar dos calos, do demódex e dos quistos".
Seremos o centro da política, enfim!

Para além Falperra um monstro nos espia
Traz umas cuecas ou bragas por roupa gem
Esfrega de contente com a luta concelhiana
As avaras mãos ambidexas na voragem.
Eis o parasita, o Mito vimaranense
Ao Adamastor capaz de causar inveja.
Eis o que nos suga, o vil monstro bracarense
Atento ao desenlace da autárquica peleja.
Mas muita atenção: que não tenha costas largas
O monstro de Braga como bode expiatório.
Não vamos transferir em psíquicas descargas
Para outros as culpas do nosso purgatório.

E o nosso futuro que inda mal distingo
À grei vimaranense parece mais risonho:
Abriu na avenida uma loja de bingo
Maná do progresso que alegra o mais tristonho!
A gente agora "binga" esta vida de calvários
Socorre-se do jogo e quando a má-ventura
Em cartões levar o dinheiro dos salários
Haverá riqueza de cheques sem cobertura...

Assim é progressivo o bingo. Mas há mais:
Comerciantes unidos e com falta de ar
Juntam-se juntinhos em centros comerciais
Paraísos de néon com rendas de assustar.

Abundam os mirones em pelintras romarias
Aguentam-se umas lojas e outras vão a pique
Manéis de chiclete catrapiscam as Marias
Grão-finos vão ao Porto fazer compras porque é chique!

Assim é o progresso, a manhã auspiciosa
Deste velho burgo a singrar de vento em popa
Com asfaltos, alumínios a Quintã mimosa
Modelo de urbanismo seguido na Europa!

Passarei agora a fazer o arrolamento
Daquilo que a cidade está mais carenciada.
Rol incompleto pra evitar o esgotamento
Dos santíssimos ouvintes de paciência limitada:

Precisamos melhorar o parque de habitação
Segundo um plano severo de construção
Que afaste a anarquia e a especulação
As indústrias poluentes em caves e rés-do-chão
Os projectos absurdos, a surda corrupção
O cimento que invade terras de plantação!
Urgente é cuidar da água cuja contaminação
Nos poços e nos rios faz doer o coração!
É preciso encontrar pro Mercado a solução
Fazer novo matadouro que está em putrefacção!
E faltam p'rás crianças os locais de diversão
Que pra tal a Oliveira não merece aprovação!
Precisamos de cultura e pra ela um pavilhão
E tratar do Património e sua valoração.

Perseguindo o alumínio e a venal estragação!
É preciso um hospital que dê mais satisfação
Ao enfermo no direito que tem a um corpo são!
E as freguesias precisam dos Edis toda a atenção
Pois milhares de problemas têm para resolução.
Já longo vai o rol e inda é pouca a extensão
Mas quedo-me aqui pra poupar-vos a audição.
O trabalho é da Câmara e de cada cidadão
Para tornar mais agradável a terra da Fundação.

A equipa do Vitória ou é tola ou genial.
Umaz vezes fortaleza outras vezes insegura
Que não sei se é por sorte, se por tática geral
Nem se hei-de estar contente ou chorar de amargura.
Na Inglaterra meteu água e porém lá não chovia
C'o Setúbal afogou-se, mas aí chovia a potes,
No Nacional, contudo, anda bem perto do guia!
P'lo que não sei se a turma é de ases ou .. pexotes!



Portugal vive em crise e não há cura pra breve
A miséria, o desespero, o desemprego, a apatia
Caem sobre as vidas como sinistra neve
Que só degela um pouco com a gana da alegria.

Dos jovens o futuro cada vez é mais incerto
E fazer o mal aos jovens é fazer a todos mal.
O concerto do ensino mais parece um desconcerto
Para o qual é vã mezinha o Ensino Profissional.

Um buraco o Orçamento diz que tem o das Finanças
Vai daí mais um buraco vai haver em cada cinto!
As leis que o FMI congemina não são mansas
E os preços vão subir para o ano mais dum quinto!

O Imposto Extraordinário é mesmo de espantar!
E o Imposto de saída ao diabo não lembrava.
Se o diabo pisca um olho, cá estamos nós a pagar
Como eternos mexilhões entre rocha e maré brava!

E sugiro já agora, porque sou bom cidadão,
Que se crie um impostinho, também ele transitório:
Um Imposto sobre o ar, o "Imposto do Pulmão"
A pagar por quem respira, entre o parto e o velório!



Pela primeira vez na humana e curta história
Tornamo-nos um deus capaz da Aniquilação.
Misseis do apocalipse, que a ninguém darão vitória,
São a vitória da Besta e a derrota da Razão.

E que esfera tão linda é a Terra pequenina
Suspensa no espaço, girando sossegada
Azul e tão humilde, mãe inclinada
Correndo pelo cosmos com uma lua menina!
Perguntem às mães se querem a guerra
E às arvores também e aos rios e às fontes
Perguntem aos poetas e às flores dos montes
Se os Quatro Cavaleiros querem ver na Terra!

Respondei também, donzelas de Guimarães,
Se desejais a Paz, irmã gémea da Beleza.
No vosso brando olhar adivinhar deixais
Que só Amor quereis e não guerra nem crueza.
Mães e namoradas, estudantes, operárias,
Mulheres de corpo inteiro e d'almas apaixonadas
Nem viragos nem bonecas, nem senhoras nem criadas
O futuro está em vós, cidadãs planetárias!

Dante Alighieri viu escrito no Profundo:
"Vós que aqui entraís, deixai toda a esperança"
Será este país um inferno, ou este mundo
Onde escasseia a luz e só treva se alcança?
Somos jovens, respondemos com sonoro Não rotundo!
Se na vida há tempestade também há-de haver bonança
Se o homem é capaz do sublime e do imundo
Há lugar par'alegria que nem mesmo a morte cansa!

Façamos a Festa com a festa nicolina
Força nessas peles com as rijas maçanetas
Como êmbolos os braços, cá pra fora a nicotina
Atroemos o Olimpo e os seus deuses jarretas!
Vamos lá, cambada, mostrar o valor
Da Academia à força de zurzidela
Que o Céu desabe, que tremam de terror
Os futricas cuspideiros desta terra e de Vizela.

Não posso mais, a garganta está falheira
Fazei vós o barulho que estais aqui para isso.
Calo-me agora que já disse muita asneira
Na esperança vã de virar-vos o toutiço!

Carlos Poças Falcão